

MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR: OBRA REVOLUCIONÁRIA NA LITERATURA BRASILEIRA

Felipe dos Santos Matias¹

¹Universidade Federal de Viçosa/Departamento de Letras, campus universitário, felipe.matias@ufv.br

Resumo- O presente artigo realiza um estudo acerca da obra *Memórias sentimentais de João Miramar*, do escritor modernista Oswald de Andrade, através de uma abordagem teórico-crítica. A análise procura evidenciar o caráter revolucionário do texto ficcional oswaldiano em questão, principalmente em relação ao caráter fragmentário do romance, inovador até então na literatura brasileira. Em contato com as vanguardas européias do início do século XX, principalmente em virtude de uma viagem que fez à Europa, Oswald procurou romper com a estrutura tradicional da literatura nacional, articulando juntamente com alguns amigos, como Mário de Andrade, o movimento modernista, iniciado com a Semana de Arte Moderna, em 1922.

Palavras-chave: Memórias sentimentais de João Miramar; Oswald de Andrade; obra revolucionária; modernismo.

Área do Conhecimento: Letras – Estudos literários

Introdução

Em 1924, veio a público a obra *Memórias sentimentais de João Miramar*. O romance era esperado com curiosidade pelos amigos de Oswald de Andrade, conforme se constata em carta de 1923, de Mário de Andrade a Manuel Bandeira: “Oswald traz um romance (...) segundo me contam interessantíssimo, exageradamente da facção. Morro de curiosidade” (ANDRADE, 1958, p. 60). A curiosidade dos amigos de Oswald se deu devido ao fato de o livro *Memórias sentimentais de João Miramar* se tratar de uma obra revolucionária. Neste artigo procuro trabalhar os principais aspectos que fizeram dessa criação ficcional oswaldiana uma obra revolucionária.

Oswald de Andrade foi articulador e ativo participante do Modernismo lançado em 1922. Ele foi o escritor mais rebelde de todo o movimento e o que mais tendeu, em sua prática, à formulação de utopias. Assumindo posturas radicais de esquerda, quis revolucionar não só a arte, mas também os costumes, as instituições e a vida social como um todo. Segundo Alfredo Bosi, “Oswald de Andrade representou com seus altos e baixos a ponta de lança do ‘espírito de 22’ a que ficaria sempre vinculado” (BOSI, 1994, p. 356).

Metodologia

Este artigo realiza um estudo teórico-crítico do romance *Memórias sentimentais de João Miramar*. Tal investigação procura expressar o caráter revolucionário dessa obra de Oswald de Andrade, de fundamental importância para a literatura

nacional e para o movimento modernista brasileiro.

Resultados

O romance *Memórias sentimentais de João Miramar* começou a ser elaborado pelo escritor modernista em 1915, mas só foi publicado em 1924, dois anos após a Semana de Arte Moderna. Escrito e reescrito a partir de 1915, foi sendo modificado ao longo dos nove anos que separam a primeira redação da publicação, o que mostra a seriedade com que o autor encarava a sua obra. A respeito da importância dessa obra na literatura nacional, Antonio Candido coloca: “*Memórias sentimentais de João Miramar*, além de ser um dos maiores livros da nossa literatura, é uma tentativa seríssima de estilo e narrativa, ao mesmo tempo que um primeiro esboço de sátira social” (CANDIDO, 1995, p. 52).

Memórias sentimentais de João Miramar é um romance fragmentário, formado por 163 capítulos-relâmpagos, sem preocupação com sequência lógica. Acerca da composição dessa obra, Alfredo Bosi ressalta:

A composição mesma do romance é revolucionária: são capítulos-istantes, capítulos-relâmpagos, capítulos sensações. O que ao Oswald leitor dos futuristas e profundamente afetado pela técnica do cinema era a colagem rápida de signos, os processos diretos, “sem comparações de apoio”, como diria, no mesmo ano que *Miramar*, pelo Manifesto da Poesia Pau Brasil (BOSI, 1994, p. 358-359).

A partir do que expressa Bosi, pode-se perceber que nesse texto ficcional oswaldiano a

divisão das partes não é em capítulos, mas em episódios-fragmentos, ou seja, fatos não interligados na sequência em que foram redigidos. Nesse romance, o enredo tradicional não existe, pois a sucessão dos fragmentos se faz como se fosse uma prosa cinematográfica, isto é, desenvolvida com descontinuidade cênica (as cenas não se sucedem na ordem cronológica, mas, sim, numa ordem de simultaneidade, visto que elas são apresentadas ao mesmo tempo, embora possam ligar-se a fatos anteriores e posteriores como se fossem do mesmo momento). É uma espécie de "romance espacial", no qual planos diferentes - assuntos de diversas naturezas ou épocas variadas - se interpenetram sem sequência linear. Para compor *Memórias sentimentais de João Miramar* (doravante referido apenas por *Miramar*), Oswald fez uso da técnica da colagem, através da qual ele pôde fazer uma junção de pedaços sem coesão e sem coerência, misturando, assim, textos de várias naturezas como cartas, discursos, poemas, conforme se depreende na leitura do trecho abaixo:

61. CASA DA PATARROXA

A noite

O sapo o cachorro o galo e o grilo

Triste tris-tris-tris-te

Uberaba aba-aba

Ataque e o relógio taque-taque

Saias gordas e cigarros

62. COMPROMETIMENTO

O Forde levou-nos para igreja e notário entre matos derrubados e a vasta promessa das primeiras culturas.

Jogaram-nos flores como bênçãos e sinos tilintaram.

A lua substituiu o sol na guarita do mundo mas o dia continuou tendo havido entre nós apenas uma separação precavida de bens (ANDRADE, 1993, p. 64)

A partir da leitura deste trecho, nota-se nitidamente que o escritor modernista fez uso da técnica da colagem, pois o narrador passa do episódio-fragmento 61, no qual ele faz um poema, para relatar o seu casamento no episódio-fragmento 62, fazendo uma junção de pedaços sem coesão e sem coerência, desconexos e irregulares.

Em *Miramar*, o narrador oswaldiano é irônico, assim como o narrador machadiano. Percebe-se, por meio desse apontamento, que Oswald pode ter se inspirado no narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para compor o narrador dessa sua obra, o que mostra que ele conhecia bem os autores clássicos da literatura nacional. Os trechos abaixo ilustram essa aproximação entre, respectivamente, os narradores Brás Cubas e João Miramar:

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil (MACHADO DE ASSIS, 1999, p. 47).

144. GROGGY

Mas três contos de réis de resto da última reforma conciliada entraram em Perdizes no entardecido roxo.

A sala antiga de papel antigo e piano parara uma cantiga antiga.

O falsete empapuçado de Madama Rocambola remexeu uma bolsa suja e apresentou-me um trecho de papel. Era o amarrotado fora definitivo de Rolah, a cheia de gigolôs.

- Ela bem dizia que o Sr. Nunca que acabava de dar os cinquenta contos (ANDRADE, 1993, p. 96).

A partir da leitura dos trechos acima, percebe-se que tanto Brás Cubas quanto João Miramar utilizam-se da ironia para narrar o final de seus relacionamentos amorosos com, respectivamente, Marcela e Rolah, as quais são mulheres aventureiras e interesseiras, interessadas apenas nos "contos de réis" de seus parceiros. Ambos os narradores expressam o caráter fugaz do afeto de suas parceiras, às quais demonstram agir pelo aspecto materialista da relação, deixando de lado qualquer tipo de traço passionais.

O estilo literário de Oswald na obra aqui estudada opõe-se de um lado aos exageros científico-detalhistas da escola Realista e à passionalidade-emotiva da narrativa da escola Romântica de outro lado. Em cada um dos capítulos-relâmpagos o trabalho essencial do autor foi com a linguagem. Ele não se deixou envolver nem pela ciência nem pela emoção, visto que filtrou a ambas procurando dar uma nova conformação à literatura brasileira, por meio da ruptura sintática.

No romance *Miramar*, Oswald faz uma paródia da vida burguesa ao narrar a história de um paulista que trilha os caminhos comuns à sua classe (no início do século XX): estudos, viagem à Europa, casamento, aventuras amorosas, crise financeira, falência. No texto oswaldiano, a burguesia endinheirada roda pelo mundo o seu vazio, a sua futilidade, as suas falsas convicções, conforme se observa no trecho abaixo, no qual o burguês João Miramar narra a sua chegada à Europa:

35. TERRA FIRME

A vida de bordo pôs rouge para proximidades de Barcelona.

Adivinhando na neblina o rochedo de Gibraltar deu para os binóculos mediterrâneos as primeiras costas da Europa.

E a sombra de Montjuich com luzes marcou a noite em que Madame de Sevri teve rasgões no jardim de batiste.

Levei nossa despedida para uma ceia de calamares por pequenas ruas com grandes casas estreitas e tortas dando dorso à rambla rindo de casquette e xales (ANDRADE, 1993, p. 55).

Os capítulos-relâmpagos de *Miramar* constituem-se de variados tipos de discurso, como cartas, citações, impressões, diálogos, descrições, relatos, poemas. O nexos que une uns aos outros dilui-se facilmente. Isso faz com que o romance tenha uma organização pouco precisa, mas que permite vislumbrar um João Miramar na infância e adolescência, com amizades escolares e relações familiares; sua precoce viagem à Europa, as experiências várias dessa aventura; e o posterior Miramar adulto, retornado ao Brasil, em suas relações de trabalho, negócios e amizades, em seu crescente desacerto com a esposa devido ao envolvimento com a amante (Rolah), em sua derrocada econômica e sentimental e, finalmente, em seu tempo de escritor das memórias.

Oswald quebrou as barreiras entre a poesia e a prosa em *Miramar*, realizando nessa obra uma espécie de fusão entre esses dois gêneros literários. O excerto abaixo evidencia isso:

146. VERBO CRACKAR

Eu empobreço de repente

Tu enriqueces por minha causa

Ele azul para o sertão

Nós entramos em concordância

Vós protestais por preferência

Eles escafedem a massa

Sê pirata

Sede trouxas

Abrindo o pala

Pessoal sarado.

Oxalá que eu tivesse sabido que esse verbo era irregular (ANDRADE, 1993, p. 97-98)

A partir da leitura do excerto acima, observa-se que o narrador oswaldiano constrói de maneira revolucionária o capítulo intitulado “VERBO CRACKAR”, pois realiza na prosa uma condensação poética, graças ao uso de uma linguagem viva e expressiva. Além disso, percebe-se também a crítica voraz de Oswald para com os gramatiquinhos da Língua Portuguesa da época, visto que o narrador utiliza-se de maneira sarcástica do modelo tradicional de conjugação de verbos.

Em *Miramar*, o escritor modernista realiza, no nível estilístico, uma paródia ao linguajar rebuscado e falso dos letrados bacharelescos e, principalmente, dos parnasianos ortodoxos, os quais faziam uso de um cultismo extremamente exagerado e desnecessário. Para tanto, ele inseriu em seu romance o personagem Machado Penumbra, o qual é um típico parnasiano que faz

a apresentação do livro em estilo pomposo, recheado de clichês acadêmicos, conforme se nota no fragmento a seguir:

Torna-se lógico que o estilo dos escritores acompanhe a evolução emocional dos surtos humanos. Se no meu foro interior um velho sentimentalismo racial vibra ainda nas doces cordas alexandrinas de Bilac e Vicente de Carvalho, não posso deixar de reconhecer o direito sagrado das inovações, mesmo quando elas ameaçam espedaçar nas suas mãos hercúleas o ouro argamassado pela idade parnasiana. VAE VICTIS! (ANDRADE, 1993, p. 43)

Discussão

Podendo ser considerado um dos mais ousados romances brasileiros de todos os tempos, *Miramar* é a exacerbação da genialidade de Oswald, um escritor que ainda hoje suscita controvérsias, pela paixão com que abraçou as causas nas quais acreditava. Para Mário da Silva Brito, “quando os filólogos nacionais despertarem de seu pesado e demorado sono, descobrirão, sem dúvida, que é um riquíssimo filão para a pesquisa, o estudo e análise da sintaxe e estilísticas renovadas” (BRITO, 1969, p. 59).

Nesta obra, assim como em outros livros de sua autoria, Oswald aproveitou as técnicas do vanguardismo europeu e as adaptou à transmissão literária de um país em transição: primeiras décadas do século XX, contexto social da realidade urbana em processo inicial de industrialização, mas culturalmente presa ao passado parnasiano, econômica e politicamente contaminada pela guerra mundial. A respeito da sociedade retratada pelo escritor modernista em *Miramar*, Haroldo de Campos ressalta no apêndice do romance: “*Memórias sentimentais de João Miramar* é bem um misto de diário sentimental e de jornal dos faits divers duma sociedade provinciana e ociosa, cujo barômetro era a alta do café ou a sua crise” (ANDRADE, 1993, p.19).

De acordo com Antonio Candido, Oswald “foi uma espécie de preparador do Modernismo” (CANDIDO, 1997, p. 76). Foi Oswald que, ao voltar da Europa com as idéias vanguardistas, sugeriu aos seus companheiros a ruptura com os velhos padrões artísticos, estimulando rebeldias estéticas, agitando o meio intelectual no sentido de uma mudança. *Miramar* é um marco na prosa moderna nacional, pois essa obra rompeu com a estrutura canônica do romance brasileiro, visto que Oswald inseriu nela as novas tendências literárias em voga na Europa da época. Assim, a publicação desse seu texto ficcional teve um caráter revolucionário na literatura brasileira, abrindo caminho para *Macunaíma*, de Mário de

Andrade, e outras obras, como *Serafim Ponte Grande*, outro texto oswaldiano. É inevitável dizer que após *Miramar* foi criada uma nova linguagem de ficção, bem ao gosto do movimento modernista.

Conclusão

O texto oswaldiano aqui abordado é uma narrativa que se recusa a construir-se como tal. Assim observa-se, através deste verdadeiro mosaico que é a obra, que Oswald não almejou somente explodir as bases da literatura da época, mas também e principalmente implodir a sociedade burguesa e seus valores morais. Nessa obra revolucionária, o autor modernista procurou realizar uma atualização da nossa ficção em sintonia com as experiências que ele obteve no contato com as vanguardas européias. E nessa direção é importante notar que ele não fez simplesmente uma importação tácita de ideias do Velho Mundo, mas sim uma reelaboração das técnicas vanguardistas em sintonia com as necessidades que o seu contexto social de transição lhe impunha. Dessa forma, em *Miramar* Oswald conseguiu conscientemente revolucionar o romance modernista, rompendo com a narrativa canônica, e inserindo em nossa literatura a estética do fragmentário.

Referências

- ANDRADE, Mário de. **Cartas a Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Simões Editora, 1958.
- ANDRADE, Oswald de. **Memórias sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Globo, 1993.
- ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRITO, Mário da Silva. "As Metamorfoses de Oswald de Andrade". In. **Ângulo e Horizonte**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.
- CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.